

REPENSANDO O PROCESSO DE EMPRESARIZAÇÃO A PARTIR DE UM OLHAR DE INSPIRAÇÃO FOUCULTIANA

ALICE HÜBNR FRANZ¹; MARCIO SILVA RODRIGUES (ORIENTADOR)²

¹*Universidade Federal de Pelotas – alicefranz1@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - marciosilvarodrigues@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No contexto de emergência da modernidade – e, mais especificamente, com a consolidação do modo de produção capitalista –, tem início um processo, até então inédito, protagonizado pela dominação da empresa sobre todos os aspectos do social. Algumas manifestações comuns desse processo podem ser vislumbradas a partir da rápida expansão geográfica da empresa pelo mundo, da sua crescente influência exercida sobre os humanos dentro e fora de seu contexto, do aumento progressivo de seu domínio sobre outras organizações e atividades humanas, entre outras (SOLÉ, 2008).

Essa centralidade assumida pela empresa na modernidade passou a desencadear um processo que Solé (2004; 2008) denomina de empresarização do mundo, ou seja, um processo que reflete a crescente influência que a ideia de empresa passa a exercer sobre os humanos modernos e sobre suas organizações e instituições. Para o autor, o mundo passa, então, a ser organizado, cada vez mais, por e para a empresa, isto é, um mundo-empresa (SOLÉ, 2004; 2008). Este termo expressa a magnificência da empresa que, junto com as características que a compõe, configuram a nova força organizadora do mundo moderno (SOLÉ, 2004; 2008). Uma instituição que, segundo Abraham (2006), é sustentada por um conjunto de maneiras de agir e de pensar típicas da modernidade, quais sejam: o individualismo e a invenção da realidade econômica; o mito fundador da escassez; a propriedade privada, a apropriação e a exploração; o racionalismo, a racionalidade e a burocracia; a inovação, o desenvolvimento e a ideologia do progresso (ABRAHAM, 2006).

Considerando os aspectos até então mencionados sobre a ideia de empresa e de empresarização a partir dos escritos de Solé (2004; 2008) e Abraham (2006), busca-se, neste trabalho, avançar na articulação e na explicação do que foi proposto, a partir dos estudos de Rodrigues e Silva (2014a) e de Leclercq-Vandelanoitte (2011), os quais utilizam, em seus trabalhos, uma perspectiva baseada nos escritos de Foucault no âmbito dos estudos organizacionais. Tendo isso em vista, a forma como se compreenderá o fenômeno da empresarização, que será aqui apresentada, parte dos desenvolvimentos de Solé (2004; 2008) e de Abraham (2006) e, por conseguinte, procura avançar teoricamente a partir de uma orientação inspirada nos estudos do pensador e filósofo francês Michel Foucault.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza por ser de caráter qualitativo, realizado a partir de uma revisão teórica dos escritos acerca da teoria da empresarização, bem como dos escritos do filósofo Michel Foucault. A partir da revisão teórica de ambos os apótes teóricos, buscou-se traçar algumas contribuições teóricas para

a teoria da empresarização que pudesse perfazer algumas lacunas existentes no que fora até então desenolvido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Frente ao que foi exposto na introdução deste trabalho, entende-se a empresarização como um fenômeno que resulta e que revela a centralidade e, mais especificamente, o poder que a empresa possui (RODRIGUES; SILVA, 2014b), ao ponto de ser considerada a força criadora e organizadora do mundo moderno (SOLÉ, 2004). De acordo com Solé (2008), assim como em outras épocas houve instituições que foram centrais e de grande influência na organização social, tal como a Igreja na Idade Média, é com o desenvolvimento da sociedade moderna capitalista que a empresa passa a ganhar um lugar de referência, exercendo uma forte influência no tecido social. Observa-se, então, que é a partir da construção da *episteme* moderna capitalista, que se criaram condições para o estabelecimento de um conjunto saber-poder específico, o qual tem como cerne o modelo empresarial que, por conseguinte, impõe normas, crenças, práticas e cultura, que passam a ser difundido por todo o tecido social.

Assim, concebe-se o processo de empresarização como sendo fruto de um emaranhado discursivo, disseminados ampla e lentamente, por diferentes indivíduos, organizações e instituições, que contribuíram e tem contribuído para erigir e manter a empresa como a instituição modelo central da modernidade. Essas construções discursivas, dentre outros aspectos, refletem, ao mesmo tempo em que fortalecem, as maneiras de agir e de pensar típicas empresariais, tal como: o individualismo e a centralidade da categoria econômica; a ideia de escassez e de consumo; a crença na racionalidade, no racionalismo e na burocracia; a ênfase na propriedade privada, na apropriação e exploração e; a busca pela inovação, pelo desenvolvimento e pelo progresso (ABRAHAM, 2006).

Tendo isso em vista, cabe destacar que o poder que a ideia de empresa materializa na modernidade, historicamente construído, não se encontra centralizado em um único ponto e não emana exclusivamente de si, mas ele funciona e se exerce em rede, ou seja, se encontra em constante circulação e movimento, percorrendo os mais diferentes espaços sociais e aspectos da vida cotidiana, uma vez que o poder ou o discurso está nas relações e nas práticas, sejam elas de aceitação ou de resistência (FOUCAULT, 2014).

A partir dessa assertiva, entende-se o poder da empresa como algo relacional e dinâmico que envolve diferentes forças, que se chocam e que se contrapõem, estruturando diferentes práticas que veiculam e põem em funcionamento essas relações de poder (MAIA, 1995). Deste modo, o exercício do poder é sempre uma estrutura de ações, ele “incita, induz, seduz, torna mais fácil ou mais difícil; no extremo, restringe ou proíbe absolutamente; é, no entanto, sempre um modo de agir ou ser capaz de ações. Um conjunto de ações sobre outras ações” (FOUCAULT, 1982, p.789).

Nesse sentido, a ideia de empresa, bem como, todo o seu poder, é construída, mantida e sustentada por diferentes estratégias que envolvem uma série de construções discursivas, além de diferentes estruturas e sistemas de controle, que são disseminados pelas mais variadas fontes. Tais construções discursivas e estruturas e sistemas de controle são legitimados socialmente e concorrem para consolidar uma determinada política de verdade, na qual as características e as maneiras de agir e de pensar que constituem a empresa são naturalizadas e tomadas como referência, sendo comumente associada aos ideais de desempenho, inovatividade, resultado, eficiência, progresso e, conforme

destaca Solé (2008), como fonte de felicidade. Portanto, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2014, p.45).

A supremacia deste conjunto de saber-poder específico, implica não somente olhar com uma lente empresarial para todas as instituições e organizações, desprezando as suas peculiaridades inatas e distintas das empresariais, como também implica em algo muito mais complexo relacionado à disseminação de uma forma específica de como os indivíduos devem estar, devem ver e devem se posicionar no mundo em consonância com a lógica predominante (RODRIGUES; SILVA, 2014a). Assim, conforme destaca Foucault (2014), o indivíduo não é o outro do poder, alheio a ele, mas sim constitui-se em um de seus principais efeitos. Desta forma, pode-se dizer que o indivíduo é uma produção do poder e do saber, já que não existe relação de poder sem a construção de um campo de saber, do mesmo modo que o saber constrói novas relações de poder (MACHADO, 2014).

Ocorre, portanto, que a máxima desse processo é a produção de subjetividades e práticas individuais que passam a alterar a percepção dos próprios indivíduos, bem como a maneira como se identificam. Nesse sentido, os indivíduos passam a se enxergar e agir enquanto empresas, emergindo o que Foucault (2008) denomina de empresário de si mesmo, sendo “ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (p. 311). Essa ênfase no eu empreendedor, responsável de si mesmo, evidencia uma nova tendência no regime e na governança da educação e do bem-estar típicos do neoliberalismo, na qual os indivíduos devem procurar investir em pontos considerados cruciais no círculo da vida (PETERS, 2001) e, por conseguinte, não devem mais se enxergar como trabalhadores, mas sim como empresas que procuram vender um serviço no mercado (LAVAL; DARDOT, 2016).

Infere-se, pois, que a empresa, além de ser o modelo ideal a ser imitado por outras organizações e instituições, também funciona como uma referência que parece nortear o *ethos* do indivíduo moderno, pois acaba por influenciar na delimitação de comportamentos, além de sinalizar as atitudes desejadas, valorizadas e pretensamente virtuosas.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho buscou apresentar e inserir um novo olhar para os desenvolvimentos teóricos acerca da empresarização a partir de um olhar de inspiração foucaultiana. Dito isso, o presente trabalho buscou se inserir no âmbito das pesquisas que visam articular alguns dos conceitos de Michel Foucault junto aos estudos organizacionais, mais especificamente daqueles que abordam o tema da empresarização. Cabe salientar ainda, que o esforço teórico o qual se realizou aqui não buscou cobrir a totalidade dos escritos do autor, mas sim buscar construir uma visão que se inspira em seu pensamento, resgatando alguns de seus conceitos os quais se julgou pertinentes.

À guisa de conclusão, cabe destacar que a grande vantagem do estabelecimento dessa racionalidade empresarial, sutilmente disseminada por todo tecido social, reside no fato de que ela é capaz de unir as diversas relações de poder existentes na trama de um mesmo conjunto de construções discursivas, as quais têm em seu cerne o saber-poder empresarial (LAVAL; DARDOT, 2016). Ressalta-se, ainda, que esse processo se acentuou, sobretudo, com o ideário

neoliberal, quando, segundo Foucault (2008), uma lente econômica/empresarial passou a ser utilizada para decifrar os fenômenos que não pertencem estritamente ao campo econômico, estendendo-se, assim, para os fenômenos sociais em geral, bem como, quando se estabeleceu a ideia de que o modelo empresarial é modelo social universalmente generalizável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Yves-Marie. *L'entreprise est-elle nécessaire?* In: DUPUIS, Jean-Pierre (org.). **Sociologie de l'entreprise**. Montréal: Gaëtan Morin Editeur, 2006, p. 323-374.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. The Subject and power. **Critical Inquiry**, Chicago, v.8, n.4, p. 777-795, 1982.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre;. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LECLERCQ-VANDELANOITTE, Aurélie. Organizations as discursive constructions: a foucauldian approach. **Organization Studies**, internacional, v. 32, n. 9, p. 1247-1271, 2011.
- MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Tempo Social**, São Paulo, USP, v. 7, n. 1-2, p. 83-103, 1995.
- PETERS, Michael. Education, enterprise culture and the entrepreneurial self: a foucauldian perspective. **Journal of education alenquiry**, v. 2, n. 2, p.58-71, 2001.
- RODRIGUES, Marcio Silva; SILVA, Rosimeri Carvalho da. New republic, new practices: a narrative of enterprisation of Higher Education in Brazil. In: 5th LAEMOS Conference - Latin American European Meeting on Organizational Studies, 5, 2014. Anais... Havana: LAEMOS Conference, 2014a.
- _____. Empresa, um fenômeno moderno In: Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 1, 2014, Uberlândia. **Anais do II Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Uberlândia: UFU, 2014b.
- SOLÉ, Andreu. ¿Qué es una empresa? Construcción de un idealtipo transdisciplinario. **Working Paper**. Paris, 2004.
- _____. L'enterprisation du monde. In CHAIZE, J.; TORRES, F. **Repenser l'entreprise: Saisir ce qui commence, vingt regards sur une idée neuve**. Paris: Le Cherche Midi, 2008.